



MIRO TEIXEIRA, PDT, Rio de Janeiro
Transcurso do Dia Nacional da Consciência Negra.
Sessão 23.11.2006 / DCD 24.11.2006, p. 51957

O SR. MIRO TEIXEIRA (PDT-RJ. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, senhoras e senhores, sempre que discutimos uma questão social em especial, colocamo-nos dentro dela. Nunca me referi na política às minhas origens sociais. Venho do quarto estrato da população, de uma região razoavelmente violenta do Rio de Janeiro, na época da minha infância, o centro da cidade, a Praça Mauá, onde existiam muitos contrabandistas e eram famosas as trocas de tiros entre Zica e Fernandinho.

Naquela infância pobre, mas feliz, eu não podia conceber, hoje olhando para trás, a existência do racismo. Éramos iguais. Depois, vamos crescendo e vamos tendo acesso às informações. Tornei-me jornalista muito cedo. Na época, eu era repórter auxiliar. Ainda com 16 anos de idade, aprendendo as coisas, comecei a ver uma realidade que eu não conhecia. Na medida em que a vida ia avançando, essa realidade ia ficando mais visível e o lado da segregação ia sendo descoberto; o lado da segregação social, em que o pobre é segregado de um modo geral. O pobre, de um modo geral, é segregado; o pobre tem menores oportunidades; o pobre não tem um Estado eficiente a sua disposição; o pobre está na fila da previdência social e do hospital que não tem leito, remédio. Na faixa da pobreza, a minha impressão é que a desigualdade atinge todos.

Vivemos uma questão social dramática. Ainda hoje no Brasil é dramática a questão social. Faltam os serviços essenciais ao conjunto da população mais sofrida; existe o trabalho escravo, hoje, em algumas fazendas. É verdade que esse trabalho vem diminuindo, segundo providências enérgicas que estão sendo tomadas pela Polícia Federal e o Ministério Público, mas existe o trabalho escravo, que vitimiza pobres negros, pobres brancos e pobres mestiços.

Sou autor do requerimento de urgência para as cotas sociais nas universidades. Defendo a cota, porque defendo a diversidade. A universidade tem de produzir pensamento para esse conjunto da população. Se não houver a diversidade na universidade, o pensamento, a função crítica da universidade não estará voltada para a população, por maior que seja a boa vontade, a preocupação daqueles que lá estão. A universidade não pode ser um ambiente de acesso exclusivo às elites.



Respeito, absolutamente, a opinião daqueles que se colocam contra as cotas.

Peço que debatamos isso. Podemos fazer sessões públicas, sem o caráter de solenidade como tem esta. Podemos fazer o que as leis brasileiras chamam de comissão geral. Isso está na Constituição, tem previsão no nosso Regimento, para debatermos com aqueles que não têm mandato.

As cotas vão acabar com a segregação, com a discriminação, porque todos perceberão que há um conjunto da população que precisa ser olhado. A igualdade não pode ser um discurso apenas, tem de ser uma prática. As ações afirmativas tendem a desaparecer no tempo, porque seremos felizes no dia em que realmente formos todos iguais. Mas para chegarmos lá, não são apenas as palavras que nos conduzirão, mas as nossas ações.

Se olharmos para a Alemanha, depois que caiu o Muro de Berlim, viu-se ali uma preocupação de unificar os direitos das populações dos 2 lados. Havia um lado em que a população tinha acesso à boa qualidade de tecnologia, de serviços, tudo mais. De outro lado, a população não tinha. Criou-se um fundo para igualar as oportunidades.

Com o tempo isso vai desaparecendo, porque as oportunidades estarão niveladas. Seremos felizes no dia em que formos na terra iguais como somos perante Deus. Parabéns a todos. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Luiz Alberto) - Obrigado, Deputado Miro Teixeira.